

Memórias da diáspora: relatos de racismo cotidiano na Unilab/CE e nas cidades de Redenção e Acarape¹

Autor: Antonio Marcos de Sousa Silva
Unilab/CE

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024)

Resumo

Esta proposição analítica é fruto de um conjunto de atividades que realizei na disciplina de Sociologia da relações étnico-raciais ministrada para os cursos de licenciatura em Sociologia e bacharelado em Humanidades na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira/UNILAB. Essas atividades foram desenvolvidas no formato de oficinas de relatos sobre episódios de racismo cotidiano sofridos pelos estudantes internacionais dentro da universidade e nas cidades onde habitam, Redenção e Acarape, no Ceará. Como suporte teórico para a atividade, trabalho com o livro de Grada Kilomba, *Memórias da Plantação*, especialmente as reflexões em torno dos episódios de racismo cotidiano. Nesse artigo, minhas preocupações analíticas se concentram no entendimento das tensões e conflitos causados pela produção do racismo nas vidas dos estudantes internacionais durante sua formação. Tendo em vista essa linha de pensamento, o objetivo deste trabalho é analisar, a partir de relatos de racismo cotidiano, como os estudantes internacionais lidam com os episódios de racismo em suas condições de sujeitos diaspóricos, do outro lado do atlântico. Como arcabouço metodológico, trilho o caminho da etnobiografia, na forma de relatos de si como dispositivo de construção de conhecimento do mundo. Nesse sentido, a memória surge como suporte de onde as narrativas de si emergem como produtoras de tensões analíticas entre antes (o evento racista) e o agora (a reflexão sobre o ato), pois, quando acionamos a memória, produzimos conhecimento e nossos discursos incorporam não apenas palavras de luta, mas também de dor, como salienta Kilomba (2019). Memórias da diáspora dos estudantes de Guiné-Bissau, de Cabo Verde, de Angola, de Moçambique neste trabalho tem o sentido também de pensar as tensões e conflitos, numa perspectiva macro, produzidas pela relação triangular entre Universidade/estudantes/cidades. Pensar as tensões e conflitos a partir de relatos de racismo cotidiano vivenciados pelos estudantes em suas diásporas, também alimenta um corpus de saberes em torno do papel da universidade no combate às múltiplas formas de racismo em nossa sociedade brasileira. Para finalizar, este trabalho traz como achados epistêmicos, isto é, como fonte de reflexões no campo da sociologia e da antropologia, pensar a produção de práticas racistas como produtora de tensões e conflitos permanentes entre os estudantes internacionais, a Unilab e as cidades onde habitam.

Palavras-chaves: Memória; Diáspora; Racismo, Universidade e Estudantes

Introdução

Gravar a vida vivida em espaços que nós acionamos para nos construirmos como sujeitos, foi o que realizou Kilomba (2019) em sua obra que narra episódios de racismo cotidiano a partir de suas memórias. É nesse caminho que proponho um resgate da memória a partir de relatos de racismo cotidiano na diáspora² dos estudantes internacionais da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira/UNILAB. Todavia, essa proposição analítica é fruto de um conjunto de atividades que realizo na disciplina de Sociologia da relações étnico-raciais, ministrada para os cursos de licenciatura em Sociologia e bacharelado em Humanidades da referida Universidade.

A memória é um mecanismo de sustentação de identidades. Ela funciona como um sistema de captação de eventos que aconteceram no passado, sejam eles recentes ou antigos. Sua função de juntar pedacinhos de nós mesmos, de emoldurar vidas, nos permite construirmos nossas identidades como sujeitos de uma história, de uma realidade coletiva. A memória pode ser pensada como uma metáfora de um gravador que capta nossos momentos, sejam eles tristes ou felizes, e coloca em um disco rígido que pode ser acessado constantemente por nós.

Nossa capacidade de guardar os eventos do passado que nos torna sujeitos de história, constituinte de “comunidades imaginadas”, como ressalta (ANDERSON, 2008), é essencial para a vida na coletividade. “Viver entre os outros tornando-se nós” é uma das capacidades salutar dos processos identitários de formação de um povo, de uma nação. Daí a importância da memória como mecanismo de solidificação de um povo, de “uma gente”. Um povo sem memória não é um povo, apenas um amontoado de gente, perdido sob o vão da ignorância. Não foi atoa que a empreitada colonial foi a mais potente máquina de aniquilamento da memória dos povos colonizados.

O colonialismo foi uma máquina de guerra, para utilizar a expressão de Deleuze e Guatarri (1996), que colocou em funcionamento suas mandíbulas e tentáculos para apagar a história de milhares de anos de inúmeros povos dos continentes africano,

² A palavra diáspora sugere redes de relações reais ou imaginadas entre povos dispersos, cuja comunidade é sustentada por múltiplos contatos e comunicações que incluem a família. Na visão de Hall (2013), essa fuga diaspórica, expressa um vai-e-vem entre lugares e tempo possibilitando que as identidades se tornem múltiplas. Os sujeitos que passaram por processos diaspóricos, assumem novas e múltiplas capacidades de adaptarem-se a outras realidades culturais dispares daquelas de sua origem.

americano e da Oceania. O apagamento da história desses povos se operou no campo da memória coletiva, na interrupção dos fluxos que alimentavam a vida coletiva, suas tradições, seus rituais, suas manifestações religiosas. Essa máquina de apagar memória durou séculos, dizimou milhões de pessoas, apagou da história tudo que viesse a ser perigoso para a empreitada colonial. O poder de destruição do colonialismo foi devastador, roubou a humanidade de nós, sujeitos nomeados de negro. O negro, classificação acionada pelo poder colonial, tornou-se um objeto, vendável e lucrativo e, como objeto, um ser sem memória, obtuso, controlado e subalternizado.

Raça, categoria formulada para sustentar a condição de dominação do branco sobre o negro, surge como mecanismo de validação, de justificação científica, ética e moral da transformação dos povos negros em inferiores na escala civilizatória. O negro, a partir de sua criação enquanto categoria, passa a ser um “objecto intrinsecamente ameaçador, do qual é preciso proteger-se, desfazer-se, ou que, simplesmente, é preciso destruir, devido a não conseguir assegurar o seu controlo total”, assevera Mbembe (2014, p. 26).

O medo do outro, a negação de sua existência como sujeito, o altericídio, ou seja, o extermínio daqueles que são diferentes, foi o combustível que alimentou a máquina mortífera do colonialismo. O rastro de destruição não se estancou com a suspensão do empreendimento colonial, pelo contrário, fincou raízes no modo de operação do ocidentalismo. O racismo impregnou profundamente nas engrenagens da sociedade contemporânea, tornando-se vetor exponencial do próprio funcionamento das sociedades ocidentais. A fratura em sua duplicidade gerou uma ordem social em que o negro permanece na condição de subalternidade, subjugado aos mecanismos de controle racial, mascarados nas fórmulas constitucionais do direito contemporâneo e arraigado nas tradições e valores da cultura ocidental.

O hoje é marcado por um racismo que se dilui na vida cotidiana de todos nós. Suas marcas estão estampadas cotidianamente, no caso brasileiro, na violência urbana que tem como maior vítima o povo negro, na pobreza, que tem cara e cor, nas grandes desigualdades que estratifica mais ainda a sociedade entre negros e brancos. O racismo no Brasil, muitas vezes, é visto pelo prisma estrutural e institucional, todavia, os episódios de racismo cotidiano, produzidos nas e pelas relações sociais, tem um impacto mais significativo na vida da população negra brasileira.

O racismo cotidiano está impregnado culturalmente em nossas práticas. Ele se dilui em nossas sociabilidades e desagua em ações corriqueiras. Lembro de uma

passagem de Kilomba (2019) na qual ela narra sua chegada em um espaço onde o corpo negro não era bem vindo, a universidade. Ela, uma mulher negra acessando um espaço destinado aos corpos branco, o saber. Esses episódios de racismo cotidiano ilustrados pela autora, serve-me como sustentação analítica para essa proposição. Nesse trabalho, analiso os relatos de estudantes negros de Guiné-Bissau, Angola e Moçambique em sua diáspora estudantil no Brasil, mais específico no estado do Ceará, nas cidades Redenção e Acarape, onde fica a sede da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira/UNILAB.

O artigo aqui proposto é fruto de duas oficinas realizadas na disciplina de Sociologia das Relações Étnico-Raciais, ministradas para as turmas do curso de Licenciatura em Sociologia e Bacharelado em Humanidades. Em termos metodológicos, no que se refere às análises dos relatos, proponho trabalhar com aquilo que Kilomba (2019, p. 88) nomeou de análise episódica, isto é uma “análise que descreve os diferentes contextos nos quais o racismo é performado, criando uma sequência de cenas de racismo cotidiano”.

1 – Uma universidade internacional e integrada: um projeto, duas cidades e muitos conflitos

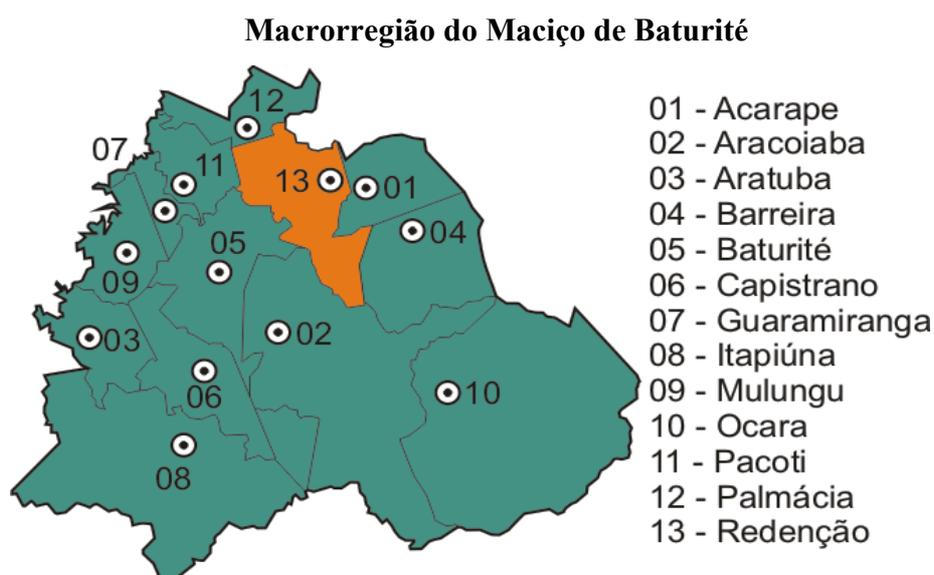
O sonho de uma universidade internacional e integrada com os povos da lusofonia foi ganhando contorno no segundo mandato do governo Luiz Inácio Lula da Silva. Uma demanda historicamente reivindicada por setores da sociedade civil, mais específico, o movimento negro. Pensar uma universidade que tivesse a capacidade e lastro para suprir um conjunto de reparações a partir de um projeto de integração entre os países lusófonos do continente africano e o Timor Leste, na Ásia foi o pano de fundo da política internacional do então governo Lula.

Uma tacada de mestre do governo Lula naquele momento que vinha se aproximando dos países lusófonos em termos de parcerias comerciais de grande monta. Daí a criação de uma universidade que se firmasse a partir de um projeto de integração internacional saiu do papel. Foi em 20 de julho do ano de 2010, depois de muitos diálogos o presidente Lula criou, através da Lei de número 12.289, a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, com sede na cidade de Redenção, no Ceará.

Nesse sentido, a criação da Unilab é, ao mesmo tempo, um marco na política de cooperação humanística, científica e tecnológica com a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa e parte da política de interiorização da educação pública superior em uma unidade federativa que, até o ano de 2010, possuía apenas uma universidade federal. É preciso ressaltar que a Unilab inicia seu funcionamento um ano após sua criação, mas especificamente em 25 de maio de 2011.

A primeira universidade internacional do país teve seu marco inaugural recheado de simbolismo. A sede escolhida para a Unilab foi o primeiro lugar do Brasil a realizar o processo de libertação das pessoas escravizadas, a cidade de Redenção, distante 60 quilômetros da capital do estado do Ceará, Fortaleza. É preciso salientar que a política do simbolismo também fez sua morada na Bahia, mais específico em São Francisco do Conde, município com o maior percentual de população negra do Brasil. Foi neste município que o projeto Unilab chegou, com o campus dos Malês para completar sua política.

É preciso salientar que a UNILAB está inserida no contexto socio-geográfico do Maciço do Baturité, uma das oito macrorregiões de planejamento administrativo do estado do Ceará³ composta por treze cidades, dentre elas Redenção (onde se localiza o principal *campus* e a sede administrativa da UNILAB) e Acarape, conforme representado no mapa abaixo:



³ Além do Maciço do Baturité, o estado do Ceará tem sua organização administrativa fundamentada em outras sete macrorregiões de planejamento, consideradas a partir de suas características socioeconômicas e geográficas: Região Metropolitana de Fortaleza; Litoral Oeste; Sobral-Ibiapaba; Sertão dos Inhamuns; Sertão Central; Litoral Leste-Jaguaribe e Cariri-Centro Sul.

Mesmo não compondo a macrorregião supracitada, os municípios de Guaiuba e Caridade, por serem filiados à Associação dos Municípios do Maciço do Baturité (AMAB), são incluídos para efeito de análise. Conforme dados do Anuário Estatístico do Ceará (2011), considerando todos os municípios, a região possui uma população de 274.634 habitantes, distribuídos conforme tabela abaixo:

População do Maciço do Baturité

Município	População
Acarape	15.338
Aracoiaba	25.391
Aratuba	11.529
Barreira	19.573
Baturité	33.321
Capistrano	17.062
Guaramiranga	4.164
Itapiúna	18.626
Mulungu	11.485
Ocara	24.007
Pacoti	11.607
Palmácia	12.005
Redenção	26.415
Guaiuba	24.091
Caridade	20.020
Total	274.634

A população do Maciço, de 274.634 habitantes, tem 64,5% de seu contingente residindo em áreas urbanas e 35,5% na zona rural, o que reflete o processo de urbanização vivenciado no Brasil nas últimas décadas (IPECE, 2010). Considerando os grupos de idade, tem-se que 27,67% da população está na faixa que possui entre 0 e 14 anos de idade, público alvo da educação municipal, o que equivale a aproximadamente 76.000 habitantes.

A partir desses dados, quero voltar-me exclusivamente para as duas cidades onde a universidade está situada. Como já foi mencionado, Redenção foi a cidade escolhida para sediar a Unilab em 2010. A cidade de Redenção recebeu a estrutura da universidade em um espaço onde antes funcionava o Instituto de Beneficente de Patronato Pio XI, um espaço de congregação das filhas do coração Imaculado de Maria Atuaría, com atividades de ensino infantil e cursos profissionalizantes. O espaço com estrutura quadrangular ao estilo arquitetônico disciplinar, tem uma área de 9.530,4 metros quadrados. O prédio inaugural da universidade passou por reformas e construção de auditório, bloco didático,

restaurante universitário, anfiteatro para suportar as novas demandas oriundas do funcionamento de uma instituição de ensino. Assim nasceu o primeiro campus da Unilab, Liberdade.

Uma universidade que nasce tímida, mas que logo ganha volúpias de grandeza. Em pouco tempo, o campus Liberdade torna-se pequeno para a grande demanda que a universidade auspicia. Novos cursos são criados e o volume de estudantes aumenta vertiginosamente, criando a necessidade de um novo campus. O ponta pé inicial de sua expansão foi a construção da unidade acadêmica Palmares em uma antiga fábrica na saída da cidade de Acarape. A inauguração de Palmares foi no dia 20 de novembro de 2012 e o início das atividades letivas foi em 4 de janeiro de 2013. Palmares conta com três prédios, um deles era onde funcionava uma fábrica de equipamentos de costura e os outros dois foram construídos. Sua área é de 19.000 metros quadrados. A estrutura conta com 40 salas de aula, 34 laboratórios, um restaurante universitário.

Uma nova aurora raia no horizonte da instituição, um projeto robusto de criação de um novo campus logo foi aprovado. O campus, nomeado de Auroras, foi desenhado com toda uma robustez. Sua sede foi escolhida ao sopé de uma montanha, com uma vista deslumbrante para quem está no local e para quem está mais afastado. O empreendimento foi dividido em um campus didático com vários blocos, com sala de aula, auditório, salas individuais para professores, etc., uma residência estudantil com dois blocos, construída mais acima da montanha e um restaurante universitário.

As auroras, não raiou tão cedo. Sua construção que se iniciou em 2012, mais precisamente em 25 de maio, ainda não findou por completo. O primeiro dos empreendimentos a ser entregue foi o prédio com os blocos didáticos, auditório, salas de professores. O restaurante universitário demorou um pouco, mas saiu em 2022. O último prédio, a residência universitária, teve sua construção embargada algumas vezes por motivos ambientais, tendo em vista que sua construção foi feita um pouco acima da encosta da montanha. Um projeto arquitetônico belíssimo no papel, mas que fora desvencilhado da realidade, pois a residência universitária atenderia grande parte dos estudantes internacionais.

Duas cidades e muitos conflitos é o título que dou para esta parte do artigo porque com a incapacidade de concluir o projeto estrutural das residências universitárias, as cidades de Redenção e Acarape receberam uma grande demanda de estudantes que foram alugar moradia. De modo efetivo, o impacto da construção de uma universidade federal internacional foi estrutural para as duas cidades.

Redenção e Acarape não se prepararam para receber um fluxo migratório da monta de milhares de estudantes. Primeiro porque não houve retorno por parte das gestões municipais em termos de infraestrutura adequada. Saneamento, moradia, pavimentação, saúde, etc. nada foi melhorado. O diálogo entre as três esferas, municipal, estadual e federal não existiu e quando passou a existir, caminhou a passos lentos. Nem o lugar e nem as pessoas estavam preparadas para receber uma instituição de tamanha representatividade no cenário da política internacional brasileira, a época.

Neste novo cenário, Acarape e Redenção, tornam-se as cidades de acolhida da grande maioria dos estudantes internacionais e nacionais. Nasce um novo mercado que vai impulsionar a economia local, o setor imobiliário, ou seja, o aluguel de moradia para os estudantes da Unilab. Mas nasce também conflitos de várias ordens. O primeiro dos conflitos é de ordem econômica. A vinda da Unilab trouxe um aporte financeiro com a chegadas de milhares de estudantes. Os aluguéis foram os primeiros a ter um aumento significativo, apartamentos para estudantes ou professores tiveram seus preços superfaturados, provocando um bum na construção civil local, pois inúmeros prédios foram construídos para atender a demanda da universidade.

Um dos conflitos mais relatados pelos estudantes internacionais, foi a discriminação no ato de alugar moradia. De acordo com os relatos, há uma nítida separação entre estudantes brasileiros (brancos) e estudantes internacionais (negros) na hora de alugar um imóvel para moradia. Geralmente, os estudantes brasileiros tem preferência junto ao dono na hora de alugar, além de menores preços. As garantias para se alugar mudam de acordo com o estudante, pois pagará mais caro ou terá dificuldades em conseguir uma moradia. Muitos estudantes internacionais recorrem aos colegas estudantes brasileiros para ser o responsável pelo aluguel de sua moradia, a fim de não passar por humilhação e negação. Essa prática racista se estruturou no funcionamento desse mercado, classificando e discriminando os estudantes negros internacionais. Trago aqui para ilustrar parte do relato do estudante Alassana Balde:

O primeiro factor que achamos ser injusto é a questão de aluguer das casas, é verificado a desigualdade em termo de pagamento e tratamento pelos internacionais. Não estamos falando sobre diáspora no sentido de que estamos a viver fora do nosso país, mas sim a nossa rotina cotidiana aqui, os brasileiros quando alugam uma casa aqui na Redenção têm mais probabilidade de pagar mais barato, enquanto os estudantes internacionais pagam mais caro e nem tem liberdade de desfrutar do espaço que eles pagam, nem podem fazer festas, a polícia chega ou a dona de casa te chama de preto.

No que tange a isso, eu pude confirmar o racismo que sofremos diariamente na Acarape, nas casas onde moramos, pois vimos que nas casas onde os africanos moram os proprietários destas casas não aceitam concertá-los e cobram aluguer caro, mas as mesmas situações não acontecem nas casas onde os brasileiros moram (Alaiquet Papa)

Os relatos dos estudantes internacionais coadunam para episódios de racismo cotidiano nas duas cidades, Acarape e Redenção. A grande demanda que surgiu por moradia acionou gatilhos, provocou discriminação de ordem econômica e, principalmente de ordem racial.

A presença do outro, daquele que é classificado como diferente faz ebulir inúmeros episódios de racismo cotidiano nas duas cidades. Enfatizo que, “analisar experiências do racismo cotidiano é estabelecer conexões entre interpretações de experiências subjetivas e a organização de categorias referentes ao racismo” (KILOMBA, 2019, p. 91).

2 – Memórias do racismo: relatos do cotidiano em Redenção e Acarape

O racismo opera por meio de estruturas lapidadas durante mais de quatro séculos de colonialismo e seus mecanismos de dominação e de escravização dos povos colonizados. O racismo, nesse sentido, é fruto de um intenso processo de estruturação de um modelo societal cujas engrenagens funcionam a partir da lógica do “privilégio branco”. Esse modelo de vida em sociedade, prima pela manutenção de estruturas e instituições cujo funcionamento privilegia o grupo étnico branco, ou seja, “um lugar de privilégios simbólicos, subjetivos, objetivos, isto é, materiais palpáveis que colaboram para construção social e reprodução do preconceito racial, discriminação racial “injusta” e racismo” (CARDOSO, 2010, p. 611).

De fato, os estudos sobre relações étnicas raciais, em suas várias vertentes, veem provocando múltiplos deslocamentos analíticos no que diz respeito aos contextos de produção do racismo na contemporaneidade. Em linhas acima, descrevi como se estruturou a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB nas cidades de Redenção e Acarape com o objetivo de demonstrar os impactos e os conflitos produzidos na relação Universidade/sociedade. Empenho-me agora a

analisar as memórias do racismo relatadas pelos estudantes internacionais da disciplina Sociologia das relações étnico-raciais, ministrada no curso de Licenciatura em Sociologia da Unilab, no semestre 2023.2 do calendário letivo da referida instituição de ensino.

Os relatos como fontes interpretativas de uma dada realidade, é caro às Ciências Sociais e também à literatura. Relembro aqui a importância dos relatos de Primo Basílio em suas narrativas literárias em torno dos campos de concentração na Segunda Guerra Mundial. O papel do relato é trazer à tona episódios que aconteceram em um dado momento histórico como título de reparação à vítima. Ao narrar as atrocidades do holocausto em forma de literatura, Basílio mostra que as feridas do passado devem ser curadas e sempre lembradas para não haver repetições.

Tomado essa argumentação sobre a intrínseca relação entre memória e relato, lanço-me ao quadro analítico das narrativas sobre episódios de racismo cotidiano na Universidade e nas cidades de Redenção e Acarape, sofridos por estudantes internacionais (negros). Como já enunciei, os relatos sobre episódios de racismo fazem parte de uma atividade avaliativa da disciplina Sociologia das relações étnico-raciais⁴. O trabalho, denominado oficina de relatos de racismo foi realizado em duas etapas. Em uma aula presencial foi realizada a oficina de relatos, organizada da seguinte forma: cada estudante teve de 5 a 10 minutos para narrar um episódio de racismo sofrido por ele ou por algum conhecido em sua diáspora estudantil. Minha função como professor foi de mediar as falas desses estudantes e realizar algumas conexões com o texto referente à aula, no caso, os capítulos 1, 2 e 3 do livro Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano, de autoria de Grada Kilomba.

Como coloquei na introdução deste trabalho, a memória é o mecanismo fundamental de sobrevivência de um povo, de sua identidade. Desse modo, o relato é a expressão partilhada da memória, isto é, o relato é a verbalização e a divulgação de uma memória. Relatar um acontecimento passado é libertar uma memória. O relato funciona como uma válvula de dentro para fora, do eu para os outros, por isso sua importância como ferramenta de interpretação de uma dada realidade.

Expresso aqui que, ao regatar os episódios de racismo, na referida oficina, muitos estudantes ficaram emocionados, indignados e perplexos diante dos acontecimentos vividos por eles. Vozes embargadas, semblantes de indignação, raiva e impotência foram

⁴ A referida disciplina é composta por estudantes internacionais de origem angolana, guineense e moçambicana, além de estudantes brasileiros. A turma em análise é composta por 20 estudantes, dos quais, apenas quatro são brasileiros. Todos os quatro estudantes brasileiros se autodeclararam brancos.

sentimentos que sobressaltaram em seus relatos. O racismo cotidiano sofrido por esses estudantes produz traumas e um custo psíquico que atravessa suas subjetividades (FANON, 2008). Um exercício de constatação de uma prática, muitas vezes, despercebida no cotidiano. Ao acionar a memória a partir de relatos de episódios de racismo, o estudante desloca seu olhar para acontecimentos que o afetou, que o impactou profundamente. Após a oficina de relatos os estudantes foram convidados a sistematizar suas narrativas em forma de um pequeno texto. Essa finalização da atividade permitiu a eles conectar seus relatos com as reflexões teóricas de Grada Kilomba, de Achile Mbembe, Franz Fanon e outros autores que compõem o quadro teórico da disciplina.

Os relatos feitos pelos estudantes constataram mais uma vez um nível de conflito elevadíssimo no seio da comunidade acadêmica. Ressalto aqui que o entendimento de comunidade acadêmica que adoto se orienta por uma perspectiva macro, como também pensa Abrantes (2020, p. 236):

A comunidade acadêmica pode ser feita por pessoas que não possuem um vínculo institucional com a universidade. Não são discentes, docentes, reitoria, servidores e terceirizados, são as pessoas da comunidade externa. A universidade é um universo e não podemos delimitar esse universo apenas aos agentes que nela estão institucionalmente inseridos. A comunidade externa faz parte da universidade, pois, segundo Rodrigues (2003, p. 60 apud Silva, 2017b), o espaço universitário é reflexo do espaço social externo a ela. Ou seja, a realidade que a comunidade acadêmica enfrenta hoje é consequência do que se passa ao seu redor.

Os conflitos nesse universo diversificado de sujeitos e instituições emergem com maior potência quando a própria instituição não garante uma política de combate e conscientização referente, por exemplo, às manifestações racistas em seu ambiente. A dinâmica de funcionamento da Unilab exige um conjunto de ações cotidianas que deve envolver diversos sujeitos e equipamentos. Da alimentação ao transporte, do ensino à extensão, todos os atores da comunidade acadêmica estão envolvidos. É nesse bojo que trago alguns relatos de racismo que acontecem no cotidiano da sala de aula e do transporte:

Até aqui na Unilab a gente sofre do racismo com o comportamento de alguns professores de forma como olham na agente e não só professores, mas sim a instituição mesma desde já que é país da integração porque não inclui no calendário o dia da África que deve ser feriado no sentido onde todos os alunos

devem participar nas atividades para conhecer mais África sobre a África porque África está dentro Unilab. (Estudante Sonia Gomes)

E notório, esses atos acontecem nos ônibus, as vezes uma africana pode sentar primeiro, ao chegar um brasileiro ele preferiu ficar de pé, até para sentar ao lado dos africanos, esses atos são visíveis a cada dia nas nossas convivências. Por outro lado, nas salas de aulas esses atos são também vistos, por exemplo: no momento de fazer trabalho em grupos, você conseguiu ver essas diferenças, porque os brasileiros costumam se agrupar de um lado e os africanos do outro lado. (estudante Livanía Crima)

Em minha jornada como estudante na diáspora, tenho sido testemunha e, infelizmente, também vítima de várias formas de racismo. Algumas são sutis, quase imperceptíveis para quem não está atento, enquanto outras são mais evidentes, e mais cruéis. Uma das manifestações mais recorrentes e perturbadoras que vivencio no meu cotidiano é a resistência ou hesitação de muitos brasileiros em compartilhar um assento de ônibus comigo, por ser uma pessoa negra. Este comportamento se manifesta de várias maneiras, todas igualmente dolorosas. Por exemplo, quando estou sentado em um dos assentos de um banco de dois lugares no ônibus, muitos passageiros optam por permanecer em pé ou procurar outro assento vago, mesmo que o assento ao meu lado esteja disponível. Este ato, embora possa parecer insignificante para alguns, é uma forma clara de discriminação racial. (Estudante Benis Lutonádio Paulo de Sousa)

O corpo do negro é atacado por uma atividade de negação. Nega sentar-se ao lado do negro. Resgato uma potente citação de Fanon (2008, p. 105) no qual ele diz que “trem, ao invés de um, deixavam-me dois, três lugares... eu existia em triplo: ocupava determinado lugar. Ia ao encontro do outro... e o outro, evanescente, hostil mas não opaco, transparente, ausente, desaparecia”. Os relatos de racismo cotidiano provocam um conjunto de indagações de várias ordens. Uma primeira diz respeito à ausência de uma política institucional voltada para o combate ao racismo, inclusive aquela de ordem institucional, promovido por alguns professores e funcionários da universidade. Um racismo versado pela instituição, ou seja, “aquele que produz um padrão de tratamento desigual nas operações cotidianas tais como em sistemas e agendas educativas”, operando vantagens para o sujeito branco (KILOMBA, 2019, p.77-78).

Há inúmeros casos de racismo em sala de aula promovido por, justamente aquele profissional que deveria combatê-lo, o educador. Daí a percepção de que o racismo brasileiro está diluído em nossas relações, em nossa sociabilidade, incorporado em nossas práticas, seja na sala de aula, como professor, seja no transporte estudantil, quando é perceptível a incapacidade de compartilhar o assento com um colega internacional (negro). A comunidade acadêmica, mas específico alguns estudantes nacionais, alguns

professores e alguns funcionários, tornam-se vetores de uma forma de racismo que amplia os conflitos no ambiente universitário. De fato, com a

A chegada da Unilab na região impactou significativamente as duas pequenas cidades do interior do Ceará (também toda a região na qual estão inseridas, conhecida como Maciço de Baturité), e esse impacto pode ser sentido em uma pluralidade de aspectos. A Unilab e seus estudantes, docentes e demais servidores mudaram a configuração social local (ABRANTES, 2020, p. 240)

Um desses aspectos cujos conflitos e tensões emanam com mais violência, de efeito, são as práticas de racismo institucional e cotidiano. Para além dos muros da universidade, esse racismo se expressa com maior veemência sobre os corpos e a vida dos estudantes estrangeiros que sofrem discriminação em camadas, primeiro por ser negro, depois por ser africano, em seguida por ser estrangeiro. Nas ruas, nos supermercados e em casa, pela vizinhança. Como mostra os relatos a seguir:

Fui ao mercado no ano passado, pra comprar carregador do computador porque o meu havia estragado, e nesse dia, quando eu cheguei, fui atendida logo na porta por uma senhora que diz o seguinte: “seja bem-vindo e fique à vontade” e ela foi tão gentil comigo. Pois quando eu entrei encontrei outras atendentes dentro da loja e elas me perguntaram sobre a minha necessidade de compra, nisso falei pra elas que eu queria comprar o carregador do computador e elas mesmas me indicaram onde fica o carregador. Só que quando fui pegar o carregador deu uma merda, porque percebi que eu estava sendo controlada por essas meninas e pra piorar tem varias pessoas fazendo compras sem ser controlados/as. Fiquei com raiva e coloquei o carregador no seu respectivo lugar, apesar de eu estava precisando desse carregador com urgência... Saí de lá com muita raiva, porque é o único lugar nesta redenção que eu conheço e que também tem o modelo de carregador que eu estava precisando. (Estudante Clara Buanhi)

O tratamento aos clientes é uma das situações em que podemos perceber a existência do racismo, ou seja, da forma como um brasileiro é tratado é diferente da forma que um africano é tratado nos lugares públicos, e principalmente nos privados. Nos supermercados de redenção e Acarape, ficam muito atentos ou quase colocam sentinela para controlar quando um africano entra para comprar alguma coisa. (Estudante Hermindo João Wimpe)

Nessa casa morava só nos africanos, enquanto que ao lado da nossa casa tinha um prédio que tinha vista para o nosso quintal, ali morava só os brasileiros então um certo dia a noite estávamos ali conversando, e os meninos estavam jogando dominó e dama também, e de repente sentimos água caindo sobre nós e quando fomos ver o que aconteceu vimos que era os meninos daquele prédio que estavam jogando água em nós, alegando que a gente faz muito barulho. E fomos conversar com os pais desses meninos e eles não deram atenção para nós, só dizem que são brincadeira das crianças, ou seja, dizem que eles estavam brincando. E a história ficou assim, eles nem repreenderam as crianças para dizer que aquilo que eles fizeram era errado. (Estudante Artimiza Vieira)

Nem podemos fazer festas, a polícia chega ou a dona de casa te chama de preto. E dizem que somos barulhentos, enquanto os brasileiros andam fazer barulho com os carros com colunas atrás ninguém fala nada nem chamam a polícia para vir, os mesmos nacionais fazem barulho em casa, quando tentares ligar para polícia te ameaçam, no entanto, nós estamos vivenciando um racismo que o governo brasileiro finge que não está observando, que tudo está bom. Há porque eles estão comendo bem ou dormindo bem, mas não vejo esse conforto que eles andam a dizer que temos, estamos viver num inferno que só nós percebemos, somos xingados pelos vizinhos, chamados dos feios, nos dizem sempre nos nossos ouvidos “voltem para vossos países aqui é para os brasileiros”, já não é uma novidade, e pergunto então porque que tem monte de brasileiros migrando, se aqui é deles. (Estudante Alassana Balde)

Os contextos da promoção do racismo são diversos, multifacetados, atravessados por relações e conflitos de várias ordens. Nesses relatos e nos que seguirão, o sujeito negro, os estudantes internacionais, aparecem como infantilizado, primitivo, incivilizado animalizado e erotizado, as cinco formas percebidas pelo branco, como salienta Kilomba (2019). As experiências de racismo relatadas pelos estudantes não são pontuais, se estruturam “a partir de uma constelação de experiência de vida, um padrão contínuo de abuso”.

Trago à baila nesse momento aquilo que Fanon (2008) deixou claro em sua análise do racismo: a mácula na subjetividade do negro. O impacto do racismo na ordem psíquica do povo negro é profundo, avassalador, destruidor de vidas, de sonhos, de coletividade. Ser cotidianamente atormentado pela sua condição de negro, de africano, de estrangeiro tende a ser provocador de traumas, de dores. Pode também ser, como no relato de um estudante, questionador de sua condição de exótico, diferente:

A reflexão que trarei aqui, aconteceu pouco tempo depois que chegamos, eu esta indo para auroras, como não tinha ônibus neste, porque era domingo e peguei um atalho para chegar nas auroras, quando estava me aproximando de uma onde tinha crianças jogando na rua, quando me viram chegando perto delas, correr para dentro das suas casas e deixaram bola no meio do caminho, virei para ver onde estavam se escondendo, percebi que estavam me espreitando nas pequenas aberturas da porta. (Estudante Marinho Nhanri)

Simão David Gombô é o meu nome, sou de nacionalidade angolana, estudante do primeiro semestre do curso de Sociologia. Portanto, a primeira experiência de racismo sofrido aqui no Brasil, e no estado do Ceará, nos municípios de Redenção e Acarape foi um ato praticado de forma coletiva, envolvendo dois amigos no dia de terça-feira de 2022. Um grupo de mais ou menos 4 crianças acompanhados dos seus pais que, observavam os filhos a uma distância de pelo menos 1 metro, as crianças nos perguntavam as seguintes coisas: vocês são africanos porque são pretos, vocês também têm o sangue vermelho, tipo o nosso ou os vossos sangue é preto? Diante disso os pais metram-se a sorrir e as crianças alegando que os nossos pais nos ensinam assim sobre vocês e que vocês vêm para cá tomar os nossos lugares, e só vem

para cá porque na África só têm pobreza e escravos tipo vocês. (Estudante Simão David)

Foi de alguém jogar a casca de banana para minha direção. A situação aconteceu na estrada, perto de parada de padaria, aqui em Acarape. Na altura estava indo pegar ônibus da UNILAB e estava passando o transporte público (fretar) e alguém de dentro de ônibus lançou em minha direção a casca de banana que caiu logo nos meus pés. (Estudante Bissawidna N'quinde Nandiba)

Os episódios de racismo vivenciados nesses relatos escancaram um funcionamento de uma estrutura social, política e institucional que não se preocupa com o outro, pois o indivíduo é visto como diferente e essa diferença se projeta a partir dos estigmas, da desonra e da inferioridade (KILOMBA, 2019). Esse conjunto de adjetivos que marcam a vida dos estudantes internacionais pode ser ilustrado pelo que Fanon (2008, p. 106-107) denunciou de “a rejeição do negro no mundo branco”, pois para o branco,

O preto é um animal, o preto é ruim, o preto é malvado, o preto é feio; olhe, um preto! Faz frio, o preto treme, o preto treme de frio, um frio que morde os ossos, o menino bonito treme porque pensa que o preto treme de raiva, o menino branco se joga nos braços da mãe: mamãe, o preto vai me comer!

O medo do outro, daquele que foi classificado como diferente sem nenhuma defesa, se incorpora à sociabilidade da população local das cidades de Redenção e Acarape e constrói formas de relações sociais reprodutoras de práticas racistas no cotidiano. Os relatos marcam um tipo de funcionamento das estruturas sociais que negligenciam o outro, o estudante internacional (negro). As instituições sociais também são reprodutoras dessa ordem, como foi relatado na oficina:

Quando cheguei ao Brasil em 2018, fiquei doente e fui internada no hospital de Redenção. Após receber alta, ainda não me sentia bem e mencionei à enfermeira que não estava muito bem. No entanto, ela não deu muita atenção e disse que eu deveria ir para casa e terminar a medicação em casa. Isso mexeu muito comigo. Por um momento, questionei se o que estava passando era racismo ou preconceito por ser africana. Será que se fosse uma pessoa brasileira, o tratamento seria o mesmo? Em 2023, passei por uma situação semelhante, mas dessa vez envolvendo minha filha, que na época tinha um ano de idade. Em uma noite, ela estava com febre alta, e corri para o hospital. Ao chegar lá e me apresentar, expliquei a situação. No entanto, o homem disse que não iria atender porque o expediente dele havia terminado e era o turno de outra pessoa que ainda não tinha chegado. (Estudante Nelmira Romao)

Os casos de racismo relatados no sistema de saúde local foram muitos e significativos, marcados pelo trauma e o medo de retornar ao hospital ou ao posto de

saúde dessas duas cidades. Acessar o sistema de saúde local é, muitas vezes, doloroso para o estudante internacional, seja pelo péssimo atendimento, que talvez seja generalizado para toda a população, seja pelos indícios de atitudes racistas por parte dos agentes de saúde.

De fato, as tensões e conflitos marcam as relações entre os estudantes, principalmente aqueles oriundos do continente africano, e a população de Redenção e Acarape. Como nos alerta Abrantes (2020, p. 239), a implementação da Unilab nessas duas cidades possibilitou a vinda de pessoas oriundas de diversos lugares do Brasil e dos países parceiros localizados no continente africano e até asiático criando um conjunto de situações, de relações e de visões novas. No âmbito da universidade “vale notar que essas relações são tecidas através de conflitos, convergências e divergências e que se constroem nos diferentes espaços da universidade, desde os micros, como as salas de aula, refeitórios, entre outros, até uma perspectiva mais macro, como as relações com os gestores que representam o Estado”.

Algumas considerações

Gostaria aqui de tecer algumas considerações em torno desse exercício reflexivo sobre a relação universidade/sociedade. Início ressaltando que toda relação construída a partir da multiplicidade de sujeitos tende a produzir algumas formas de conflitos, de tensões que, a priori, fazem parte da vida social. Como nos relembra os clássicos das Ciências Sociais, Marx, Weber e Durkheim, a própria constituição da sociedade moderna/capitalista é assentada a partir dessa tensão entre indivíduo e estrutura, uma dualidade ontogênica que, ao mesmo tempo que provoca conflitos, promove a coesão social.

Nesse bojo e no contexto analisado neste artigo, pensar as tensões e conflitos que nasceram com a vinda da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – Unilab para as cidades de Redenção e Acarape, dentro do espectro do racismo tornou-se salutar e fulcral. Os inúmeros conflitos de várias ordens produzidos com a chegada de estudantes brasileiros, internacionais, professores e funcionários provocaram atenção no âmbito institucional, legal, político, teórico e cultural.

Como foi salientado neste trabalho, as duas cidades passaram por transformações repentinas e desordenadas no que diz respeito ao aumento da população, ao surgimento

de novas demandas por moradia, as novas demandas econômicas e sociais com a chegada da universidade, dos estudantes e do corpo de funcionários. Mas é preciso salientar que o impacto da inserção de uma instituição de ensino federal nas cidades foi profundo, mas não resolveu os problemas sociais, econômicos já existentes. Na verdade, minha análise é de que a chegada da Unilab em Redenção e Acarape acentuou ainda mais as desigualdades existentes, uma vez que essas cidades não se prepararam no que concerne à implementação de políticas públicas de melhoria estrutural, como saneamento, saúde, educação, moradia, segurança pública, etc. Depois de mais de 10 anos da inauguração da Unilab, as duas cidades continuam praticamente sem condições adequadas de saneamento, moradia, educação, saúde, habitação para suas populações.

Explico porque resolvi tecer essa explanação inicial de modo mais ampliado em relação ao tema central deste artigo. Foi um modo de situar o leitor referente aos conflitos e tensões provocados com a chegada da universidade na região. Mas agora adentro outro campo argumentativo, mais próximo do tema abordado.

À primeira vista é possível pensar esses conflitos de modo diverso, fragmentado e difuso. De modo mais reflexivo e analítico, esses conflitos e tensões, produzidos com a vinda da universidade, provocam no tecido social uma espécie de fissura, que imprime modos diferenciados nas relações sociais cotidianas entre os moradores e os novos moradores, os estudantes, principalmente os internacionais (negros). O novo cotidiano, as novas relações sociais com o outro, o considerado diferente, são gestados por uma sociabilidade carregada de traços racistas.

Para o estudante internacional as tensões e conflitos começam logo na chegada, na procura por moradia. Os aluguéis elevados para os padrões locais é o primeiro indício de que algo está errado, sem regulação. Ao locador africano recai um conjunto de regras e valores diferenciado em relação ao locador brasileiro. Esse campo de tensão, certamente, é carregado por uma dimensão do racismo à brasileira, diluído na teia de relações sociais, um racismo não explícito, mas traumático, como foi possível perceber nos relatos dos estudantes durante a oficina.

Outras tensões da ordem do espectro do racismo são aquelas vivenciadas na lida do dia-a-dia. Um simples deslocamento ao supermercado, muitas vezes, para o estudante africano, é doloroso, não porque os preços inflacionados tiram-lhe o dinheiro, mas por ser alvo de um rastreamento corporal realizado pelos seguranças e funcionários dos estabelecimentos comerciais. O corpo negro é marcado por uma vigilância implacável, o

corpo africano é duplamente marcado, por ser negro e africano. Um racismo cotidiano desfaçado de “política de proteção de perdas”.

Os olhares diferenciados, carregados de maldades cobrem os corpos dos estudantes africanos em muitos momentos ao passear pelas ruas e praças das duas cidades. Um olhar de estranhamento, de distanciamento emerge de modo, muitas vezes, provocador sobre esses corpos. Alguns relatos foram enfáticos nesse quesito, como foi constatado aqui nesse texto. Uma espécie de medo, uma política do exótico como modos de perceber o outro.

No âmbito da Unilab, as tensões e conflitos surgem mais ainda arraigados ao espectro do racismo. Na dimensão pedagógica, a sala de aula, lugar por excelência de partilha, de aprendizado, de troca, de afeto, torna-se um espaço de negação do outro, de distanciamento, da promoção de uma política do apartheid, de um lado os negros (africanos), do outro os brasileiros (a maioria branco), no meio o professor. As atividades pedagógicas realizadas em grupos, em sua maioria, são apartadas, grupos de brasileiros de um lado, grupos de africanos do outro. As partilhas, as trocas que, por si só, já são riquíssimas, são mínimas no fazer pedagógico da integração.

Estendido ao espaço de convivência diária, outras formas de racismo cotidiano se apresentam como modo de sociabilidade. Os relatos sobre o uso do ônibus universitário foram potentes como forma de denúncia de um racismo cotidiano que se expressa pela ausência de empatia para com o outro (o corpo negro). Quando um estudante africano senta em uma poltrona vazia de dois lugares desse transporte, muitas vezes, os estudantes brasileiros (branco em sua maioria), claro que em alguns episódios, não sentam no lugar vazio. O lugar vazio na poltrona do estudante negro é o simbolismo de uma prática racista que atravessa nossa sociedade e promove uma espécie de negação do outro, do corpo negro, o medo do corpo negro.

Enfim, para resumir essas considerações penso que o racismo brasileiro está diluído, incorporado em nosso modo de viver, de partilhar a vida social. Sua sutileza, muitas vezes, impercebível, atravessa nossas vidas e provoca traumas, medos, raiva, todo um conjunto de sentimentos e sensações que afetam o corpo negro, a vida da população negra deste país Brasil. O negro no Brasil, sofre por dentro e por fora os males do racismo cotidiano, estrutural e institucional que se erradia por todas as dimensões da vida social.

Se o brasileiro está calejado com o racismo cotidiano de nosso país, por outro lado, os estudantes africanos (negros) que aportam nas cidades de Redenção e Acarape enfrentam uma forma de racismo pouco experimentado por eles em seus países. São

afetados por uma violência, que maltrata e perturba suas vidas sociais e acadêmicas. As dores são fortes, maculam o corpo e a alma, como foi percebido em nossa oficina de relatos de racismo na diáspora estudantil desses africanos.

Creio, como pesquisador e professor negro, que essa proposta de exercício pedagógico produz um conjunto de reflexões de várias ordens. Como enfatizei nesse artigo, essa oficina nos permite tensionar questões de cunho institucionais referente à Unilab, nos proporciona formas de partilhas de nossas dores com o intuito de diminuí-las; auxilia na construção de um arcabouço teórico para o combate ao racismo; dar voz aqueles que, por inúmeros motivos, são violentados cotidianamente por uma estrutura, por uma cultura do racismo à brasileira.

Para finalizar essas considerações, penso que a promoção de uma educação transformadora passa pelo questionamento de práticas produzidas e reproduzidas cotidianamente no ambiente acadêmico e fora dele. Termino esse texto perguntado: que universidade queremos?

Referências bibliográficas

ABRANTES, C., S., A., Um texto acadêmico para uma ação política: a Unilab e os episódios de violência em Redenção e Acarape. In: **Antropologia, cooperação internacional e processos de formação de Estado** [livro eletrônico]: entre práticas de governo e práticas depolítica / organização de Maria Macedo Barroso e Carla Susana Alem Abrantes. – Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Antropologia, 2020

ANDERSON, B. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008

CARDOSO, L. “Branquitude acrítica e crítica: a supremacia racial e o branco anti-racista”. **Rev.latinoam.cienc.soc.niñez** juv 8(1): 607-630, 2010.
<http://www.umanizales.edu.co/revistacinde/index.html>

DELEUZE, G. et GUATTARI, F. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia, vol. 3. São Paulo: Ed 34, 1996

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas** / Frantz Fanon; tradução de Renato da Silveira. - Salvador: EDUFBA, 2008

HALL, S. **Da diáspora**: identidade e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019

MBEMBE, A. **Crítica da Razão Negra**. 1ª Edição. Lisboa: Antígona, 2014